

Elogio (sociológico) à carne: A partir da reedição do texto “as técnicas do corpo” de Marcel Mauss*

Vitor Sérgio Ferreira**

A reedição do texto de Marcel Mauss sobre o conceito de *técnicas do corpo* (Mauss, 2009), hoje, na Coleção Arte e Sociedade, pode ser interpretada não apenas como homenagem a uma conferência que foi inaugural de um novo campo da análise na sociologia, mas também como metáfora da necessidade de uma refundação da sociologia do corpo: com esta sua conferência, proferida na Sociedade de Psicologia em 1934 e publicada no *Journal de Psychologie* em 1936, Marcel Mauss terá sido um dos primeiros autores, senão mesmo o primeiro, a estabelecer os parâmetros teórico-metodológicos do que hoje se chama com alguma consensualidade «sociologia do corpo», tentando retirar este objecto da categoria «diversos» da agenda científica das ciências sociais, essa «rubrica perversa», como lhe chama, onde se junta sobre uma «massa de factos» ainda não «reduzidos a conceitos» um «ferrete de ignorância».

Num tom muito humano, coloquial, irónico e bem-humorado, e não se inibindo de revelar todas as suas dúvidas e hesitações, Mauss tenta neste texto desnaturalizar um objecto que é excessivamente familiar para todos os seres humanos, na medida em que os encarna e com eles se confunde – o corpo. Propõe então o conceito de «técnica corporal» no sentido de, muito simplesmente, dar conta das diferentes formas como os homens, de sociedade para sociedade, *sabem tradicionalmente servir-se* dos seus corpos.

Sublinho estas palavras na medida em que cada uma é dotada de uma importância epistemológica específica: o verbo «saber» remete para algo que se aprende, que se educa, que se socializa; o qualitativo «tradicional» remete para algo que é eficaz e que se tem por garantido por ser discretamente transmitido, por isso naturalizado; o verbo «servir-se» remete para o reconhecimento de que o corpo cumpre funcionalidades, nomeadamente sociais, sendo ele próprio um instrumento técnico, «o primeiro e o mais natural objecto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem», nas suas palavras.

* O presente *working paper* serviu de base à Conferência para a sessão de lançamento da Coleção Arte e Sociedade, do Instituto de Sociologia, na Faculdade de Letras da Fundação Universidade do Porto, dia 26 de Novembro de 2009.

** Bolseiro de Pós-Doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

O conceito de «técnicas do corpo» permite assim revelar os modos como esse instrumento, que é simultaneamente físico, mecânico e químico, é adaptado e se vai adaptando ao contexto e no contexto social em que vive. E Mauss propõe que tal se faça a partir de análise comparada no tempo e no espaço (geográfico, cultural e social), de actos como nadar, marchar, andar, correr, cavar, acocorar, dormir, sentar, repousar, saltar, trepar, comer, beber, reproduzir e muitas outras acções do corpo. Actos que, pela força do hábito, ou do *habitus*, célebre conceito concedido ao Bourdieu mas que tem neste texto a sua emergência, variam tecnicamente de configuração com «as sociedades, as educações, as conveniências, as modas, os prestígios, [e] os lugares sociais» que os indivíduos ocupam.

Deste modo desprezioso Mauss desnaturaliza o que de mais natural as ciências biomédicas e da vida tinham por certo, resgatando a dimensão social e cultural do corpo. Vem, portanto, focalizá-lo enquanto realidade socio-historicamente localizada e construída, mutável de época para época, de formação social para formação social, nas imagens que o definem, nos sistemas de conhecimento que procuram elucidar a sua natureza, nos ritos que o colocam socialmente em cena, nas performances que cumpre, no imenso conjunto de valores e representações, de fantasmas e imaginários, de mitos e tabus, de normas e preconceitos, de tradições e ritualidades, de convenções e disciplinas, de fantasias e desejos, de discursos e utopias que sobre ele recaem e o densificam simbolicamente.

Desde aí, muito se tem escrito e dito sobre o corpo no âmbito da sociologia, sobretudo desde que ele emergiu como «objecto de culto» na sociedade contemporânea, (Ferreira, 2008), sua «obsessão actual», como o escultor José Rodrigues se lhe refere (Aguar e Bastos, 2009). No entanto, eventualmente não seguindo de perto o programa científico que Marcel Mauss deixou como legado.

No esforço de desnaturalizar o corpo, muita da sociologia esqueceu-o como *estrutura orgânica* com funções agenciadas segundo as leis da anatomia e da fisiologia, para recolocá-lo apenas como *estrutura simbólica*: «uma construção simbólica, não uma realidade em si», na medida em que «as representações do corpo e os saberes que o atingem são tributários de um estado social (...). O corpo não é uma natureza. Nem sequer existe», refere-se a ele David LeBreton (1997 [1992]:13-14, 25). Esvanecendo-se, o corpo foi tratado pela sociologia como *ficção* ou *mito* (Certeau, 1982:180), como *simulacro* (Baudrillard, 1972), uma realidade *elusiva* (Radley, 1995), um corpo *fantasmático* (Valabrega, 1972).

Essa visão hipersocializada sobre o corpo foi levada ao extremo. Entre estas, o corpo surge não apenas como uma realidade *socializada* mas, sobretudo, como uma realidade *semantizada*. Em última análise, uma *metáfora* produzida, apreendida e reproduzida através de

práticas discursivas e convenções linguísticas, enquanto *locus* de criação de significado. O corpo, ou a *corporeidade* (Berthelot, 1998), como alguns lhe chamaram para justamente desencarná-lo, apresenta-se na forma de estrutura textual, de sistema que «fala» na gestualidade que lhe é impressa, nas emoções que expressa, nas técnicas que mobiliza, nas aparências que manifesta.

O trabalho de *tradução intersemiótica* que o «vocabulário corporal» convoca¹, enquanto sistema de signos e de infrasignos, sempre se vislumbrou, todavia, tarefa árdua e ingrata, senão mesmo obsoleta. Se na sua dimensão anátomo-fisiológica o corpo se apresenta como evidência que *va de soi*, já a sua simbolização, ou seja, no *simbolismo* ou na *linguagem* corporal que incarna, entreve-se sempre enigmática, controversa, escorregadia, ambivalente. Numa palavra, polissêmica, pois «tantos são os signos, tantos os sinais, as mensagens, os avisos [que o corpo larga] que nenhum sentido definitivo pode saturar» (Nancy, 2004:17).

O poder semiótico do corpo vê-se estilhaçado no confronto de gramáticas de produção e de recepção que sobre ele se esgrima (Ferreira, 2009). Tal como sucede com a própria linguagem verbal, também a «linguagem do corpo» se multiplica culturalmente, em diversas línguas corporais. Ainda que existam regularidades que, numa dada formação social, se reificam na forma de regras incorporadas em códigos sociais – códigos de apresentação, de postura, de emoção, de gestualidade, etc. –, o corpo será sempre um *significante flutuante* (Babo, 2001:1; Gil, 1980:10), de estrutura sgnica, por definição, ambígua, ambivalente e indeterminada.

O construtivismo e a semiótica, nas suas variantes analíticas, tiveram a valência de proceder ao imprescindível *processo de desnaturalização* do corpo humano – quer na suposta neutralidade, universalidade e objectividade que o saber biomédico lhe concedia enquanto organismo humano; quer na aparente naturalidade, unidade, transparência e evidência transmitida pela incorporação quotidiana. Fê-lo expondo «o natural» e o «orgânico» como uma construção simbólica de forças sociais, e incluindo o corpo na cultura e na história.

Ao fazê-lo, no entanto, o corpo acabou por desaparecer como *carne*, fazendo-se *tábua rasa* das suas qualidades morfológicas, estruturas fisiológicas e capacidades sensoriais. Em contraste com a radicalidade destas propostas onde o corpo material é marginalizado, é importante entender que essa realidade não é simplesmente constrangida por relações sociais e constrangimentos culturais, mas efectivamente constitui uma base concreta e material, viva, vivida e em devir, que enforma a construção dessas relações e que é culturalmente potencializada.

¹ Trabalho que visa transformar um sistema de signos num outro sistema equivalente, ou seja, neste caso, que visa transformar um sistema de signos não-verbal num sistema de signos verbal.

Trata-se, portanto, de uma realidade carnal *sobre a qual* é produzida acção – na medida em que é passível de múltiplas intervenções e utilizações na vida social – e *através da qual* é produzida acção, considerando as bases inevitavelmente encarnadas da acção social. Quer isto dizer que, embora sempre informado por um princípio vital de socialidade e cultura, importa considerar sociologicamente, na construção do seu objecto e estratégias metodológicas para o captar, que o corpo é também *carnal* na fisicalidade das imagens que dá a ver, dos movimentos que possibilita fazer, das sensações e emoções que permite sentir, das funções e necessidades que exige cumprir.

Enquanto carne, o corpo é ele próprio dotado de um espaço de constrangimentos e potencialidades crucial quer na configuração de sentido que lhe é atribuída socialmente, em virtude das características que são particulares a cada corpo (sexo, idade, cor da pele, peso, silhueta, estado de saúde, etc.)², quer enquanto estrutura formal e condição necessária de qualquer acção social, dotada de um conjunto de poderes e capacidades socialmente capitalizáveis e geridos (Shilling, 2008).

O conceito de «técnica do corpo» de Mauss respeitava e guardava esta dimensão de carnalidade do corpo, olhando para o corpo no diálogo com a realidade social, cultural e material que o circunscreve, mas não o perdendo de vista na sua realidade concreta, na sua fisicidade, enquanto matéria viva, vivida e em devir nas suas propriedades, sejam elas necessidades, potencialidades ou limitações de vária ordem (morfológicas, fisiológicas, neurológicas, motoras, sensoriais ou outras).

Chama-nos ainda a atenção para a necessidade de voltar a olhar para as «atitudes do corpo», na expressão de Mauss, ou seja, para os próprios actos *do* corpo, e não apenas para os actos *sobre* o corpo, tema a que a sociologia do corpo tem privilegiado a reboque de uma ideia de maleabilidade corporal promovida pelas indústrias de design corporal. Importa portanto redireccionar a análise sociológica no sentido da recuperação fenomenológica e quotidiana das experiências vividas por um corpo que existe de facto, nas suas propriedades, potencialidades e limitações concretas em determinadas práticas e usos do mesmo, referenciáveis não apenas a *modos de acção no corpo*, mas também a *modos de acção do corpo*.

Muita da produção da recente sociologia do corpo tem ido no sentido de estudar as várias formas de luta do sujeito pela emancipação face ao seu próprio corpo. Desde logo, pela progressiva emancipação do corpo da penosidade da industrialização: depois da Segunda

² Embora muitas destas características possam hoje em dia ser alteradas, com maior ou menor grau de dificuldade, muitas vezes o corpo recusa-se a ser moldado de acordo com as intenções ou objectivos desejados pelo agente incarnado.

Guerra Mundial, o corpo humano passou a ser socialmente investido e valorizado não apenas como *corpo de produção*, gerador de força de trabalho, mas também, sobretudo, como *corpo produzido*, «o mais belo, precioso e resplandecente» de todos os *objectos de consumo* (Baudrillard, 1975:212). Ao mesmo tempo que perdeu o seu *valor de troca funcional* ou *de uso* (como força de trabalho), cresceu o reconhecimento e o investimento social no seu *valor de troca simbólica*, enquanto *recurso* susceptível de ser *capitalizado* não só como *força de produção*, mas sobretudo como *acessório de expressão* (Le Breton, 2000).

Significa isto que actuar sobre o corpo equivale a agir com fins e efeitos identitários, acção que encontra nos nossos dias condições de realização privilegiadas, considerando a plêiade de técnicas, tecnologias, produtos e serviços hoje disponíveis para a sua modificação e/ou manutenção. O desenvolvimento de uma sociedade de consumo tem efectivamente garantido, nas últimas décadas, a revalorização simbólica e económica do corpo enquanto *capital expressivamente mobilizável*, integrado numa florescente, diversa e cada vez mais sofisticada indústria de engenharia biológica e de *design* corporal.³

No contexto das inúmeras possibilidades de intervenção corporal hoje disponíveis, o corpo deixou então de ser inevitavelmente um *destino herdado*, para passar a constituir um *devir moldado*, uma matéria bruta a esculpir, a redefinir, a fabricar, a «submeter ao *design* do momento» (Le Breton, 2000:208), contingente de projectos estéticos, identitários e de estilo de vida. Projectos, claro está, trabalhados por parte de quem pode aceder material e simbolicamente àquelas mesmas possibilidades.

Este contexto tem exercido um particular fascínio nos sociólogos, nele encontrando lugar de agenciamento, de individuação, de reflexividade, de criatividade e esteticização, até de artisticidade. Muitas vezes como se o corpo se tivesse libertado de constrangimentos sociais e fosse lugar de emancipação. Mas importa olhar não apenas para o corpo enquanto acessório, mas retomar o olhar sociológico para a sua instrumentalidade social. Estudar não apenas o que nele recai de reflexivo, de projectual, de voluntário, mas voltar a olhar para o corpo na sua infraconsciência, na sua suposta «naturalidade», no que nele se apresenta como indeliberado, sempre socialmente produzido e adquirido. Olhar para o corpo naquilo que ele constrange e sobre o qual, muito frequentemente, não há verbalização, sequer consciência, algo que «apenas» se faz sem lugar a explicações e racionalizações sobre «como» nem «por quê». Era, aliás, este o programa científico de Mauss no que ao corpo se refere.

É certo que o corpo se trata hoje de um objecto sobre o qual o sujeito pode agir (maquilhar-se, tatuar-se, etc.), construir a sua identidade pessoal, proporcionando os contornos

³ Sobre o corpo como *capital* ver Shilling, 199,1 e Wacquant, 1995.

materiais que lhe devolvem o sentimento individual de ser e estar no mundo. Mas não deixa de ser um corpo ele próprio sujeito ao qual o sujeito se sujeita, instrumento que serve de suporte de acção e de prática, e que medeia qualquer experiência no mundo.

Enquanto unidade constitutiva da existência humana, é a partir do corpo que se opera, simultaneamente, a *encarnação* do sujeito no mundo e a *incorporação* do mundo no sujeito. Os indivíduos precisam de adquirir ou *incorporar* as estruturas ou os esquemas sociais da sociedade que os integra (como a linguagem, por exemplo), para que se tornem nos agentes que são. Mas essas estruturas e esquemas apenas existem na medida em que são *encarnados* nas acções dos próprios e nas de outros agentes que lhes pré-existem, sendo a respectiva encarnação o que dá vida àquelas mesmas estruturas e que facilita a sua reprodução. É nesta perspectiva que os seres humanos, argumenta Merleau-Ponty, estão numa «espécie de circuito com o mundo social» (1964:123).

A revisitação do texto clássico de Mauss sobre «as técnicas corporais» permitiu-me, portanto, redescobrir a sua modernidade, sendo um texto inaugural que importa hoje retomar, numa altura em que a sociologia do corpo necessita reequacionar a forma de olhar para o seu objecto. Ao admitir que o corpo está na base de toda a experiência social, enquanto mediadora das relações, das práticas, dos discursos, das apropriações do outro e do mundo, a sociologia do corpo pode atingir um privilegiado interesse *heurístico*: participar numa sociologia que parta não apenas do seu campo de análise habitual (instituições, classes, grupos, etc.), mas, paralelamente, de formas e manifestações sociais mais anódinas mas fundamentais à condição humana, permitindo devolver dimensões aos fenómenos sociais que, noutras aproximações, seriam difíceis de captar, e por aí dar conta de alguns novos problemas sociológicos.

Por outro lado, enquanto pólo de análise conceptual, o corpo emerge como um lugar privilegiado de reflexão e eventual resolução teórica de dualismos recorrentes na tradição moderna das ciências sociais: natureza/cultura, material/simbólico, indivíduo/sociedade, corpo/mente, acção/estrutura, resistência/poder, razão/emoção, etc. Deste modo, ao seu estatuto de *operador social* nas formas que assume e nas acções para que é convocado, junta-se o de *operador epistemológico* (Berthelot, 1983:121): não apenas um objecto a conhecer, mas um meio de conhecimento, pela possibilidade que confere em, através dele, (re)conhecer as formas de poder que o social imprime na natureza, como ainda o modo como recursos, capacidades e atributos que lhe são naturais são socializados e/ou explorados socialmente.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, João Valente e Nádía Bastos (2009), «O corpo como obsessão. Entrevista ao escultor José Rodrigues», in AA.VV., *Corpo*, Coleção Arte e Sociedade (Dir. João Valente Aguiar), n.º 1, Lisboa: Apenas Livros | Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 51-53.
- BABO, Maria Augusta (2001), «Para uma semiótica do corpo», *Interact - Revista on line de Arte, Cultura e Tecnologia*, n.º 2, <http://www.cecl.pt/interact/ensaio3.html>
- BAUDRILLARD, Jean (1972), «Le corps ou le charnier de signes», *Tropicque. Revue Freudienne*, n.º 9-10, pp. 75-107.
- BAUDRILLARD, Jean (1975), *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70.
- BERTHELOT, Jean-Michel (1983), «Corps et société. Problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps», *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXXIV, pp. 119-131.
- BERTHELOT, Jean-Michel (1998), «Le corps contemporain, figures et structures de la corporéité», *Recherches Sociologiques*, vol. XXIX, n.º 1, pp. 7-18.
- CERTEAU, Michel (1982), «Histoires du corps», *Esprit*, nº 62, pp. 179-187.
- FERREIRA, Vitor Sérgio (2008), «Be some body: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea», in Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim, Filipe Carreira da Silva (orgs.), *Itinerários. A investigação nos 25 anos do ICS*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 671-689.
- FERREIRA, Vitor Sérgio (2009), «O corpo tatuado sob o olhar dos outros: a gestão social de um projecto corporal», in AA.VV., *Corpo*, Coleção Arte e Sociedade (Dir. João Valente Aguiar), n.º 1, Lisboa: Apenas Livros | Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GIL, José (1980), *Metamorfoses do Corpo*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- LE BRETON, David (1997 [1992]), *La Sociologie du Corps*, Paris, PUF.
- LE BRETON, David (2000), «Figures du corps accessoire: marques corporelles, culturisme, transsexualisme, etc.», in Claude Fintz (org.), *Les Imaginaires du Corps. Tome 2 – Arts, Sociologie, Anthropologie. Pour une Approche Interdisciplinaire du Corps*, Paris, L'Harmattan, pp. 207-231.
- MAUSS, Marcel (2009), «As técnicas do Corpo», in AA.VV., *Corpo*, Coleção Arte e Sociedade (Dir. João Valente Aguiar), n.º 1, Lisboa: Apenas Livros | Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 3-24.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1964), *Signs*, Evanston, Northwestern University Press.

RADLEY, Alan (1995), «The elusory body and social constructionist theory», *Body & Society*, vol. 1, n.º 2, pp. 2-23.

SHILLING, Chris (1991), «Educating the body, physical capital and the production of social inequalities», *Sociology*, vol. 25, n.º 4, pp. 653-672.

SHILLING, Chris (2008), *Changing Bodies. Habit, Crises and Creativity*, Los Angeles, Sage.

VALABREGA, J. P. (1972), «Le phantasme, le mythe et le corps», *Tropic. Revue Freudienne*, n.º 9-10, pp. 5-46.

WACQUANT, Loïc (1995), «Pugs at work: bodily capital and bodily labour among professional boxers», *Body & Society*, vol. 1, n. 1, pp. 65-93.